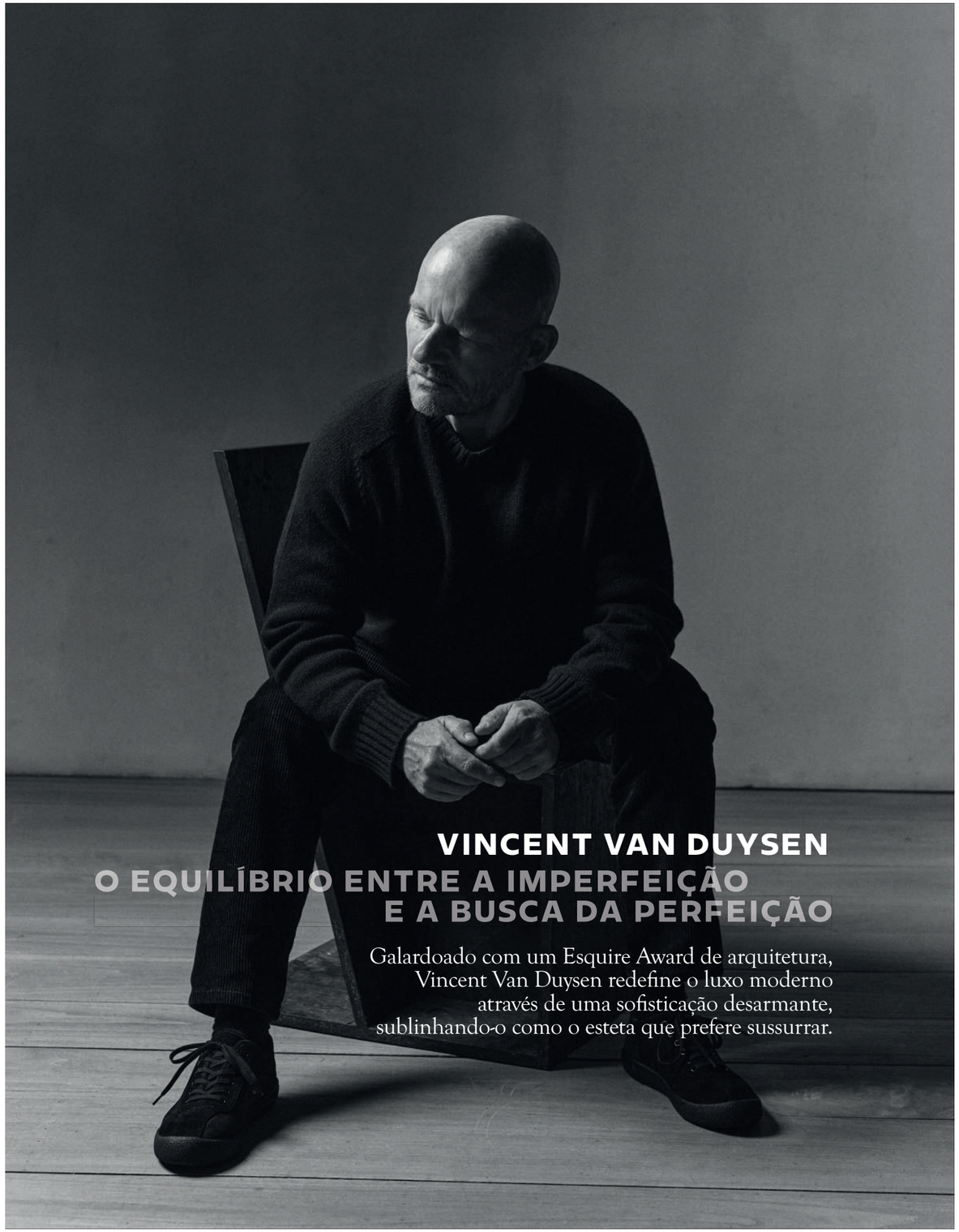


VINCENT VAN DUYSEN
O EQUILÍBRIO ENTRE A IMPERFEIÇÃO E A BUSCA DA PERFEIÇÃO

Galardoado com um Esquire Award de arquitetura, Vincent Van Duysen redefine o luxo moderno através de uma sofisticação desarmante, sublinhando-o como o esteta que prefere sussurrar.

TEXTO: ELSA GONÇALVES. FOTOGRAFIA: ZEB DAEMEN

DIZER QUE O TRABALHO DE VINCENT VAN DUYSEN É MINIMALISTA É CEDER AO FACILITISMO DE UMA ETIQUETA QUE FALHA EM TRADUZIR A SUA DENSIDADE. O arquiteto belga não esvazia o espaço por subtração; preenche-o de silêncio, de uma quietude física e quase tátil que resgata a arquitetura e o *design* do ruído contemporâneo. Há nas suas criações uma elegância eloquente, onde o betão, a pedra e a madeira não competem pela atenção, mas coexistem num equilíbrio tão severo como sensual. Van Duysen confirma-se não apenas como um mestre das linhas depuradas, mas também como o arquiteto que compreendeu que o verdadeiro luxo contemporâneo não grita — sussurra através da luz, da textura e de uma intemporalidade que desenha o futuro sem pressas. O seu vasto portefólio, cuja amostra se pode testemunhar nestas páginas, inclui colaborações e parcerias com várias marcas de renome internacional na área do mobiliário, iluminação, decoração e arquitetura, como a Zara, Molteni&C e a Zanotta. Nesse CV inclui-se a Casa M, em Melides, o maior reflexo daquilo que é enquanto ser humano, mas também enquanto arquiteto. Não sabemos se é possível sequer dissociar o homem da profissão. Preferimos que a conversa seja com os dois ao mesmo tempo, como na entrevista que se segue.

Como começou a sua relação com Portugal? Foi amor à primeira vista ou cresceu com o tempo? Quando é que sentiu que Portugal era um lugar onde podia criar raízes?
Acho que Portugal é um país especial, com uma cultura incrível, uma arquitetura deslumbrante, uma música, Fado, maravilhosa, boa comida e muita diversidade cultural. Visitei a Comporta pela primeira vez há 14 anos. Anos mais tarde, durante as minhas viagens pelo Alentejo, conheci Melides. A cidade fica numa região muito especial, conhecida pelas suas paisagens verdejantes e ondulantes. É particularmente bonita por causa da natureza intocada, com belas dunas, arrozais e quilómetros de praias e um oceano imaculado, onde quase não se encontra ninguém. Apaixonei-me imediatamente por esta região e considerei a ideia de talvez comprar um terreno e construir a minha casa. Vivo em Antuérpia, numa casa clássica, e, como arquiteto, é sempre um desafio projetar e construir a nossa própria casa. Escolhi Melides pelos incríveis elementos da natureza: as paisagens com dunas, quilómetros e quilómetros de praias virgens, a vegetação exuberante, os pinheiros, a flora e a fauna, que são fenomenais. Anos mais tarde, nasceu a Casa M. Eu vivo na Casa M há cerca de sete anos.

Discurso em vídeo

Descreveu a Casa M como um refúgio arquitetónico e um santuário moderno contra a velocidade da vida moderna. Como é que isso se traduz no projeto final?
A Casa M evoca, antes de mais, uma sensação de encantamento inicial, seguida, à medida que se passa mais tempo nela, por uma serenidade e tranquilidade absolutas. Imaginei a casa como um templo onde pudesse desligar, recarregar energias e acalmar o espírito... Penso que, de certa forma, consegui, já que todos os meus hóspedes dizem que é essa a sensação que têm ao chegar à Casa M. Claro que a responsabilidade não é minha, mas sim da natureza. Não consigo enfatizar demais o quanto a paisagem intocada do Alentejo desempenha um papel fundamental na atmosfera e no ambiente da Casa M.

Pode dizer-se que a arquitetura procura o equilíbrio e a ordem. Quanta imperfeição deve ser acrescentada a um projeto para que este tenha alma?
Não existe uma quantidade exata de imperfeição necessária; é o equilíbrio entre a imperfeição e o que se aproxima da perfeição que dita as proporções. Trata-se mais de permitir que as imperfeições dos materiais, a sua patine e calor, estejam em simbiose com os espaços e as geometrias. Se o diálogo funcionar bem, então consegue-se a quantidade certa de imperfeição. No meu caso, vejo imperfeição na Casa M: nas imperfeições do betão, nos azulejos artesanais, nos veios da madeira... Estas imperfeições tornam a Casa M muito bonita e única. Uma casa deve refletir quem somos ou oferecer-nos a possibilidade de sermos alguém diferente? Sim, com certeza. Ambas as minhas casas são santuários onde me sinto protegido e usufruo do seu conforto. Adoro a relação entre interiores e exteriores; tendo a interiorizar a natureza, como no caso de Antuérpia e Melides. E como estou sempre a pensar, as minhas casas são os cenários poéticos e contemplativos perfeitos para equilibrar a minha vida profissional. De um modo geral, acho que não podemos ser alguém diferente; somos o que somos, e isso reflete-se na forma como nos vestimos, como vivemos e onde vivemos. Os objetos, os materiais, a arte, as paletas de cores, o mobiliário, espelham o nosso eu interior.

CASA M, MELIDES
2019





VVD II ATTIC, ANTUÉRPIA
2015

EK RESIDENCE STAIRCASE, LOS ANGELES
2020



FOTOGRAFIA: VINCENT VAN DUYSEN; KASIA GATKOWSKA; STEPHEN KENT JOHNSON



↑ **VO RESIDENCE, KNOKKE**
2017



→ **DH APARTMENT, KNOKKE**
2022

FOTOGRAFIA: HÉLÈNE BINET; PIET-ALBERT GOETHALS.

Na sua arquitetura, parece eliminar tudo o que é supérfluo. O que é que ainda não se atreveu a eliminar? A recetividade dos clientes a esta postura é sempre positiva?
Não se trata de ousadia, mas sim de alcançar o equilíbrio certo. Se para criar o espaço, o interior ou a peça de mobiliário ideal, for necessário reduzir, que assim seja. Nunca penso especificamente ou propositadamente em remover partes, espaços ou algo do género; trata-se mais de alcançar a essência e o equilíbrio quase perfeito entre vazios e massas, formas ou linhas que me interessam. Isto dita como eliminar o supérfluo. Os clientes mostram-se recetivos quando o que lhes proponho ressoa e vibra com eles. Confiam em mim e respeitam-me, e vice-versa. O objetivo final é proporcionar-lhes uma vida melhor, por isso abraçam esta postura.

Que tipo de estética lhe interessa hoje que não lhe interessava tanto há vinte anos?
A minha estética está em constante evolução; no entanto, não tenho uma estética definida. Trata-se mais de um conjunto de valores, crenças e princípios que constituem a minha linguagem arquitetónica e de *design*. Sou conhecido por não seguir tendências. Conheço-as, mas costumo evitá-las. Sou um epicurista que vive para e com a beleza. É uma constante no meu interesse, que se expressa na minha profissão de arquiteto e criativo, mas também pode ser a pureza de uma pedra...

Qual foi o último edifício a surpreendê-lo?
É difícil escolher apenas um. Muitos edifícios me surpreenderam e inspiraram, cada um de uma forma diferente. os que me vêm imediatamente à memória são o Templo de Hatchepsut, no Egito, o Panteão, em Roma, a Casa Schindler, em Los Angeles, o Pavilhão de Barcelona, de Mies van der Rohe e as obras de Luis Barragán, no México. Todos são exemplos notáveis de arquitetura que continuam a surpreender-me, independentemente de quantas vezes os veja.

A arquitetura está em todo o lado, o *design* de produto está em todo o lado — consegue desligar-se do trabalho alguma vez ou está constantemente a analisar o *design* de tudo o que o rodeia?
Digo sempre que a minha mente está constantemente a rabiscar e é como uma esponja. Não tenho um método específico para me desligar, mas ao mesmo tempo nem sempre penso em arquitetura e *design*. É mais admirar o que me rodeia ou quem encontro e absorver estímulos do mundo, como uma esponja. A inspiração está em todo o lado. É preciso ter bom senso para a captar.

Qual o hábito mais português que adquiriu, desde que Portugal se tornou também casa? E qual é a coisa mais belga que ainda faz por cá?
Não fazer nada, *il dolce far niente*, e estar em sintonia com a Casa M e a natureza envolvente, conduzindo o meu 4x4 Can-Am até praias desertas e admirando aqueles horizontes infinitos. Gosto de me manter afastado de todas as atividades sociais e de estar sozinho com o meu parceiro, o meu cão, amigos próximos e família. Suponho que os meus rituais diários belgas são a meditação transcendental, mimar os meus cães e ir ao ginásio algumas vezes por semana. Adoro apreciar o silêncio...

Conseguiu aprender alguma coisa em português, entretanto?
Infelizmente, não aprendi muito, porque é um pouco confuso, uma vez que falo holandês, inglês, francês e italiano... mas consigo fazer-me entender. Obrigado...

Sou conhecido por não seguir tendências. Conheço-as, mas costumo evitá-las

O nosso entrevistado anterior, o *designer* Christian Louboutin, deixou uma pergunta para o próximo entrevistado, ou seja, para si. "Já teve uma relação amorosa com alguém de Portugal, para além do seu amor pelo país? Se sim, conte-nos tudo sobre isso."
Nunca tive casos amorosos com pessoas de Portugal. Não preciso de ter casos, sou mais do que feliz e sinto-me completo com o meu parceiro, Mateo.

Agora é a sua vez: deixe uma pergunta para o nosso próximo entrevistado.
Porque é que toda a gente está a apaixonar-se por Portugal ultimamente? Qual é a magia, para além da minha opinião?

English version

FOTOGRAFIA: PH FRANÇOIS HALARD; COURTESY OF THE TWENTYFOUR SIX

← **AUGUST, ANTUÉRPIA**
2019

↓ **THE DROPS**
2025



FOTOGRAFIA: MARK SEELEN; COURTESY OF THE TWENTYFOUR SIX



↑ **VVD II RESIDENCE, ANTUÉRPIA**
2003



↑ **M OFFICES, NOVA DELI**
2024



ZARA DIAGONAL BARCELONA →
2025

FOTOGRAFÍA: FRANÇOIS HALARD; JOSE MANUEL ALORDA; THOMAS SEEAR BUDD; PIET ALBERT GOETHALS.



JNCQUOI BEACH CLUB, COMPORTA
2023



FOTOGRAFIA: FREDERIC BLANCHON